

## Projeto de Estudos Judaico-Helenísticos - PEJ

Coordenador: Prof. Vicente Dobroruka

Universidade de Brasília  
IHD - Dpto. de História  
Brasília -DF- 70910-900

[www.pej-unb.org](http://www.pej-unb.org)

**"A EXPOSIÇÃO DA TEORIA DAS SETE IDADES DO MUNDO  
NA OBRA *SOBRE A CIDADE DE DEUS*, DE SANTO  
AGOSTINHO: ORIGEM, DESENVOLVIMENTO E FIM DAS  
DUAS CIDADES DENTRO DO 'QUADRO TEMPORAL' DAS  
SETE ERAS"**

SBEC - CONGRESSO NACIONAL, 02-06 DE SETEMBRO 2007

**"ÓCIO E TRABALHO NO MUNDO ANTIGO"**

Fabrício Santos Barbacena

Mestrado em História / UnB

Prof. Vicente Dobroruka



## Resumo / abstract

Santo Agostinho, desde os primeiros anos após sua conversão definitiva ao cristianismo, defendia que o processo histórico poderia ser dividido em sete fases, cujos marcos iniciais seriam, respectivamente, Adão, Noé, Abraão, Davi, ida dos judeus para o cativo da Babilônia, primeira vinda de Cristo e segunda vinda de Cristo. Este último evento iniciaria uma sétima era eterna, quando os santos "descansarão de todas as suas obras", como ele defende em *Sobre o Gênesis contra os maniqueus* 1.23.41. A presente comunicação pretende analisar o modo como essa teoria das sete idades aparece na principal obra de Agostinho sobre a história, o "sobre a Cidade de Deus", bem como discutir a relação das sete eras com o tema das duas Cidades, também central no pensamento do autor acerca do processo histórico<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Para as obras de Agostinho, utilizou-se as seguintes traduções: *A Cidade de Deus (Contra os pagãos)*. Petrópolis / São Paulo: Vozes / Federação Agostiniana Brasileira, 2001; *A instrução dos Catecúmenos - teoria e prática da catequese*. Petrópolis: Vozes, 1984; *Del Génesis contra los maniqueos*. Madri: Biblioteca de Autores Cristianos, 1957. Também serão usadas as seguintes siglas para simplificar a citação de obras de Agostinho mais citadas aqui: CD ("A Cidade de Deus"); PCAT ("A instrução dos catecúmenos", também chamada aqui de "Sobre as pessoas que devem ser catequizadas"); e GCM ("Sobre o Gênesis contra os maniqueus")



A exposição da teoria das sete idades do mundo na obra *Sobre a Cidade de Deus*, de Santo Agostinho: Origem, desenvolvimento e fim das duas Cidades dentro do 'quadro temporal' das sete eras

Dentre os principais temas abordados por Agostinho em suas reflexões sobre o sentido da história, os conceitos das duas Cidades, a "cidade de Deus", por um lado, e a "cidade terrena", por outro, possuem, certamente, um papel central. Em uma definição dada por ele cerca do ano 400, a cidade de Deus ou cidade celestial é composta por "todos os homens santificados no passado, no presente e no futuro e todos os espíritos santificados - mesmo os que, nas regiões excelsas dos Céus, obedecem a Deus com pia devoção [ou seja, refere-se aos anjos bons]"<sup>2</sup>. Esta se contrapõe à "cidade e aliança dos iníquos"<sup>3</sup>, que cultiva "o amor próprio, levado ao desprezo de Deus"<sup>4</sup> e reúne em si os homens pecadores e os demônios.

Presente desde meados de 390, quando escreveu a obra *Sobre a verdadeira religião*, a idéia de que os seres racionais - ou seja, os anjos e os homens - poderiam ser divididos em duas comunidades, de acordo com a sua adesão ou não à vontade de Deus, acompanharia Agostinho ao longo de sua vida e seria retomada e desenvolvida em obras posteriores, em especial nas suas duas últimas décadas de vida, entre 413 e 426, quando ele escreveu a obra *Sobre a Cidade de Deus*. Inicialmente uma defesa do cristianismo contra as acusações dos pagãos ocasionadas pelo saque de Roma, em agosto de 410, a obra *Sobre a Cidade de Deus* tornou-se, para Agostinho, uma grande chance de expor, de

---

<sup>2</sup> PCAT 20.36.

<sup>3</sup> PCAT 21.37.

<sup>4</sup> CD 14.28.



maneira mais sistemática, a sua própria concepção religiosa do sentido da história. Para ele, toda a história poderia ser compreendida como o desenrolar da cidade de Deus e da cidade terrena no tempo, conduzidas pela Providência Divina através das etapas de suas origens, desenvolvimentos e devidos fins (*excursus, procursus, debiti fines*). E é em torno desses três "momentos" das cidades que os doze livros finais da *Cidade de Deus* encontram-se organizados.

Contudo, as idéias de cidade de Deus e cidade terrena, embora tenham um papel central para Agostinho, não são os únicos conceitos meta-históricos a estruturar o seu pensamento sobre a história e nem sequer foram os primeiros a serem formulados por ele. Em 388, cerca de dois anos após a sua conversão definitiva para o catolicismo<sup>5</sup>, em meados de agosto de 386, ele começou a escrever a obra *Sobre o Gênesis contra os maniqueus*, na qual se encontra o que pode ser considerada sua primeira explicação religiosa sistemática do sentido do processo histórico. Lá, depois de fazer a exegese do relato da Criação, contido no cap. 1 do *Gênesis*, ele compara cada um dos dias da semana criadora a uma "idade" ou era da história<sup>6</sup>. Afinal, Agostinho argumentava que o descanso de Deus no sábado queria significar não que Deus estivesse cansado pelo trabalho que realizara, mas sim apresentava-se como uma metáfora para a recompensa do descanso final que receberemos nele, se fizermos boas obras<sup>7</sup>, numa sétima era de visão beatífica de

---

<sup>5</sup> Para dois relatos extremamente bem-informados acerca da conversão de Agostinho e sua vida anterior a esta data, cf. Peter Brown. *Santo Agostinho - Uma biografia*. Rio de Janeiro: Record, 2005 e Serge Lancel. *St Augustine*. London: SCM Press, 2002. John J. O'Meara. *The Young Augustine - The Growth of St. Augustine's Mind up to his Conversion*. London / New York / Toronto: Longmans Green and Co, 1954, mostra-se como um outro estudo muito esclarecedor sobre os anos pré-conversão da vida de Agostinho.

<sup>6</sup> Cf. GCM 1.23-24.

<sup>7</sup> GCM 1.22.34: "Mas também foi dito que Deus descansou de todas as suas obras, as quais ele fez muito boas, porque nele descansaremos de todas



Cristo. Tal era, na sua opinião, "não terá tarde"<sup>8</sup>, ou seja, será eterna, e virá depois de passadas seis eras históricas aqui neste mundo. Como ele sintetizou na mesma obra:

*Com efeito, vejo, por todo o texto das Escrituras divinas, certas seis idades [sex quasdam aetates] cheias de trabalhos e fadigas [operosas], que são como que definidas por seus limites fixos, de tal modo que numa sétima espera-se o descanso; e que as mesmas seis idades têm semelhança com estes seis dias [refere-se aqui aos seis dias do relato da Criação do Gênesis], nos quais foram feitas aquelas coisas que a Escritura relembra que Deus fez<sup>9</sup>.*

Os limites de cada uma das eras históricas são resumidos por Agostinho, dentre outros lugares, no *Tratado sobre o Evangelho de João* 9.6:

*Pois a primeira idade é contada de Adão até Noé; a segunda, de Noé até Abraão. E, como o Evangelista Mateus enumera e distingue, a terceira [vai] de Abraão até Davi; a quarta, de Davi até a migração para a Babilônia; a quinta, da migração para a Babilônia até João Batista; a sexta, deste ponto até o fim dos tempos<sup>10</sup>.*

A exemplo do que acontece com o tema das duas cidades, a teoria das sete eras da história (ou sete idades do mundo, como também costuma ser chamada) possui uma grande permanência no pensamento de santo Agostinho e está presente em vários dos seus escritos, inclusive na obra

---

as nossas obras, se fizermos boas obras. Porque também as nossas próprias boas obras devem ser atribuídas a ele, que é quem chama, ordena, mostra o caminho da verdade, convida para que queiramos e confere as forças para cumprir aquilo que nos manda".

<sup>8</sup> GCM 1.23.41.

<sup>9</sup> GCM 1.23.35. Sobre a divisão da história em sete idades, presente em Santo Agostinho, cf., em especial, a obra de Auguste Luneau. *L'Histoire du salut chez les Pères de l'Église - La doctrine des âges du monde*. Paris: Beauchesne, 1964.

<sup>10</sup> PL 35, 1461.



*Sobre a cidade de Deus*. Contudo, ao contrário de ser nela um assunto recorrente, Agostinho fala das sete idades apenas ocasionalmente ao longo dos vinte e dois livros da *Cidade de Deus*, e deve-se esperar até o livro dez para que ele faça alguma menção, bastante vaga, à divisão do tempo em idades, que só começarão a ser enumeradas no final do livro dezesseis, e mesmo assim não por completo.

Devido a essa pouca recorrência de passagens que tratem especificamente sobre as sete idades na mais importante obra de Agostinho sobre a história, alguns autores defenderam a posição de que o esquema septenário seria aqui pouco relevante e teria perdido, no fim da vida de Agostinho, a importância que tinha tido na sua juventude, nos anos após a conversão, para a interpretação do sentido do processo histórico proposta por ele. Dentre tais autores, encontra-se Gerard O'Daly, ao escrever que o esquema das sete idades "não é completa ou extensivamente empregado"<sup>11</sup> na *Cidade de Deus*, bem como que as idades nunca se tornaram "uma característica estruturadora dos livros históricos da obra, embora as figuras de destaque do esquema das idades - Adão, Noé, Abraão, Davi - sejam, claro, centrais para estes livros"<sup>12</sup>. Para reforçar ainda mais a sua opinião, ele afirma que "o livro 17 tratará o período de Davi à Encarnação de Cristo como uma fase"<sup>13</sup>, ou seja, a divisão das idades é aqui totalmente ignorada.

Diante de todos os argumentos citados, propõe-se aqui uma re-análise dos trechos em que as idades do mundo são comentadas na obra *sobre a Cidade de Deus*, pois julga-se que há elementos para se afirmar a existência de equívocos de interpretação das fontes, por parte de O'Daly, nesse

---

<sup>11</sup> Gerard O'Daly. *Augustine's City of God - A reader's guide*. Oxford: Clarendon Press, 1999. P.173.

<sup>12</sup> Idem, p.174.

<sup>13</sup> Id. *ibid.*



tema. Com efeito, a brevidade e número restrito dos trechos que abordam direta e especificamente a doutrina agostiniana das idades do mundo não é prova suficiente para se afirmar a pouca relevância e secundariedade destas no pensamento das últimas décadas de Agostinho sobre a história. Pelo contrário, os mesmos trechos, iluminados por algumas considerações acerca do contexto de produção da obra, podem e devem ser interpretados em direção exatamente oposta, e é o que se fará no tempo que resta para a comunicação.

A primeira citação a ser analisada é a do início do capítulo 14 do livro 10 da CD, que afirma o seguinte:

*Pois, como [acontece com a educação] de um único homem, assim também a correta educação do gênero humano, representado pelo povo de Deus, avança, com certas aproximações, através de certas divisões do tempo, como que [de divisões] de idades, de tal modo que [a humanidade] se eleve das realidades temporais para as eternas, que devem ser conquistadas, e das realidades visíveis às invisíveis.*

Essa passagem é muito importante porque retoma uma temática bastante cara ao pensamento de Agostinho sobre a história: a comparação do *saeculum*, do decurso do tempo humano, com a vida de um único indivíduo, que se desenvolve, através de diversas etapas ou "idades", desde a sua primeira infância até a sua velhice. Agostinho, aqui, retoma uma idéia por ele defendida há muitos anos, desde obras como *sobre o Gênesis contra os maniqueus*<sup>14</sup>, o *Sobre a verdadeira religião*<sup>15</sup> e a pergunta 58 das obra *83 diversas questões*<sup>16</sup>. E, ao identificar novamente o processo histórico com a vida de um "imenso indivíduo", ele re-introduz, ao mesmo tempo, ainda que de maneira não

---

<sup>14</sup> Cf 1.23.35 e 1.24.

<sup>15</sup> Cf. 27.50.

<sup>16</sup> Cf. 58.2.



explícita, por ora, a temática das sete idades, na medida em que a mesma palavra, *aetas*, é utilizada para identificar tanto as seis fases do desenvolvimento fisiológico de uma pessoa (primeira infância, infância, adolescência, maturidade física, declínio rumo à velhice e, por fim, velhice propriamente dita<sup>17</sup>) quanto as seis eras históricas, cada uma delas comparada com a sua respectiva idade biológica. Portanto, se Agostinho afirma, no livro 10 da Cidade de Deus, que toda a história pode ser comparada com a vida de um único indivíduo, a qual se desenrola ao longo das fases biológicas acima citadas, Agostinho está fazendo nada mais, nada menos, do que defender, mais uma vez, que todo o decurso da história humana é, semelhantemente, dividida em idades, e por elas é perpassado em todos os seus momentos.

O que foi dito fica ainda mais nítido quando se analisa o final do capítulo 43 do livro 16, um dos dois principais trechos que abordam a doutrina agostiniana das sete idades do mundo no *Sobre a Cidade de Deus*<sup>18</sup>. Enquanto narrava o reinado de Davi e como ele era figura profética do Cristo que haveria de vir, Agostinho compara o seu reinado com a *iuventus*, a era de maturidade e apogeu do reino judaico, da mesma forma que a terceira idade, de Abraão até Davi, fora a sua *adolescentia* e os dois períodos anteriores, de Adão até Noé e de Noé até Abraão, a *infantia* e a *pueritia*, respectivamente. Logo em seguida, depois de fazer esse resumo das três primeiras idades e de correlacioná-las com suas respectivas idades fisiológicas, Agostinho escreve: "É por isso que, nesse desenvolvimento [*procursu*] da cidade de

---

<sup>17</sup> Os termos latinos usados por Agostinho são *infantia*, *pueritia*, *adolescentia*, *iuventus*, *declinio ab iuventute usque ad senectudem* e *senectus*.

<sup>18</sup> O outro é o capítulo 30 do livro 22, que fecha a obra, e que será comentada mais adiante.



Deus, como o livro anterior [o 15º] [tratou] de uma só idade, [a qual é], ela mesma, a primeira, assim também este livro tratou de duas idades, a segunda e a terceira”<sup>19</sup>.

Por esta citação, percebe-se um dado extremamente importante: o fato de que Agostinho tem, ao escrever a cidade de Deus, a explícita intenção de que os eventos contidos nos livros que tratam do *procursus* (palavra utilizada por ele em 16.43.3), do desenvolvimento da cidade de Deus ao longo do tempo, sejam entendidos dentro do quadro temporal das sete idades do mundo. Como ele mesmo afirma, o livro 15, que narra os acontecimentos de Adão até Noé, deve ser compreendido como o livro que aborda a “primeira infância” da história humana, assim como o livro 16 se ocupa das duas idades seguintes, sua “infância” e sua “adolescência”. E, com efeito, apesar de fazer nesse trecho só menção à quarta idade e não falar aqui nem da quinta ou da sexta, pode-se com propriedade inferir que ele pensava que as últimas três idades históricas (a maturidade, o declínio rumo à velhice e a velhice propriamente dita, ou seja, o período da história que vai de Davi ao fim dos tempos, passando pelo cativo da Babilônia e a primeira vinda de Cristo) teriam seus eventos desenvolvidos no livro 17 e na parte final do livro 18. Pois não seria lógico que, depois de defender o enquadramento dos eventos da história sagrada, de Adão até Davi, no esquema interpretativo das sete idades, ele não estivesse disposto a estender a mesma opinião para as três idades restantes, em especial porque ele cita aqui, novamente, o prólogo do evangelho de Mateus, que é um texto recorrentemente usado por ele para fundamentar a divisão das terceira ao início da sexta era (de Abraão à vinda de Cristo), como uma realidade revelada

---

<sup>19</sup> CD 16.43.3.



pela própria Escritura e não apenas uma especulação teológica pessoal sobre a história.

Portanto, ainda que Agostinho não tenha voltado a tratar de *aetates* ou *articuli* ao longo dos livros 17 e 18, a perspectiva das idades do mundo ainda continua a perpassar também os eventos do *procursus* das duas cidades narrados nesses dois últimos livros. A crítica que O'Daly faz de que a doutrina agostiniana das sete idades do mundo nunca chegou a ser "uma característica estruturadora dos livros históricos da obra" cidade de Deus mostra-se infundada, pois em CD 16.43 aparece, de modo claro, o desejo de Agostinho de que o desenvolvimento das duas cidades seja entendido como acontecendo dentro do quadro temporal interpretativo das seis idades históricas. E, por outro lado, argumentar que as idades não são citadas nominalmente de novo nos livros 17 e 18 não se apresenta como uma objeção ao exposto, pelos motivos acima referidos.

Além disso, há um outro momento importantíssimo em que o tema das sete idades é tratado: no capítulo 30 do livro 22 da obra, que representa exatamente os parágrafos conclusivos de toda a Cidade de Deus. Lá, as eras surgem, muito naturalmente, como derivação de discussões acerca do descanso dos justos no paraíso. E diz-se aqui muito naturalmente porque não é a primeira vez, nos escritos de Agostinho, em que reflexões sobre o último dia da semana da criação, quando Deus descansou das obras que tinha criado, fazem com que ele reflita sobre as etapas em que, segundo sua opinião, desenvolve-se a história mundial. Eis, então, o trecho das idades que conclui a Cidade de Deus e que aparece depois da reafirmação de que o descanso de Deus no sábado representa o nosso descanso eterno nele, se realizarmos boas obras:



*Este descanso sabático [dos santos] aparecerá ainda mais claramente se for contado aquele número de idades como [se fossem] dias, segundo aquelas divisões do tempo [artículos temporis], as quais parecem estar expressas nas escrituras, porque um sétimo dia é encontrado; de modo que a primeira idade, como o primeiro dia, é a partir de Adão até o dilúvio; a segunda daqui até Abraão, não iguais quanto ao tempo, mas pelo número de gerações. Com efeito, consta-se que elas têm dez [gerações] cada. Daqui já, como delimita o evangelista Mateus, três idades seguem-se até a vinda do Cristo, as quais desenvolvem-se em quatorze gerações cada: de Abraão até Davi, uma; outra, deste ponto até a migração para a Babilônia; e a terceira, deste ponto até o nascimento na carne de Cristo. Desse modo acontecem todas as cinco. A sexta agora se desenvolve, ela que não deve ser medida por nenhum número de gerações, por causa daquilo que foi dito: 'Não é dado a vós saber os tempos que o Pai colocou em seu poder'. Depois desta [idade], como no sétimo dia, Deus descansará, fazendo descansar em si mesmo o próprio sétimo dia, que seremos nós mesmos<sup>20</sup>.*

Pela leitura do trecho acima referido e sua comparação com outras obras que abordam a temática das idades do mundo, percebe-se que todos os elementos principais da doutrina das eras, como comparadas com os dias da criação do Gênesis, encontram-se aqui presentes e são ainda sustentados por Agostinho, poucos anos antes do fim de sua vida. Várias outras reflexões e dados poderiam ser apresentados, mas os que já o foram parecem conferir embasamento suficiente para se reafirmar que, longe de ter sido esquecida na sua obra mais relevante sobre o sentido da história, a teoria das sete idades do mundo agostinianas tem, na cidade de Deus, um lugar e destaque que nem sempre todos os autores que estudaram este escrito perceberam, e deve ser melhor considerada quando se for tratar de outros temas da teologia da história agostiniana, como as duas

---

<sup>20</sup> CD 22.30.5.



idades ou aspectos políticos e sociais de suas concepções religiosas sobre o tempo, dentre outros assuntos possíveis.